

O Livro de Urântia

<< [Documento 159](#) | [Partes](#) | [Índice](#) | [Documento 161](#) >>

Documento 160

Rodam de Alexandria

160:0.1 (1772.1) NO DOMINGO pela manhã, 18 de setembro, André anunciou que nenhum trabalho seria programado para a semana seguinte. Todos os apóstolos, exceto Natanael e Tomé, foram visitar os familiares ou estar com amigos. Nessa semana Jesus desfrutou de um período de descanso quase completo, mas Natanael e Tomé estiveram bastante ocupados com as suas conversas com um certo filósofo grego de Alexandria, chamado Rodam. Esse grego havia-se tornado recentemente um discípulo de Jesus, por meio dos ensinamentos de um dos colaboradores de Abner, o qual havia conduzido uma missão em Alexandria. Rodam estava agora sinceramente empenhado na tarefa de harmonizar a sua filosofia de vida adequando-a aos novos ensinamentos religiosos de Jesus e viera a Magadam esperando que o Mestre conversasse com ele sobre essa questão. Também desejava assegurar uma versão autorizada, do evangelho, em primeira mão e diretamente de Jesus ou de um dos seus apóstolos. Apesar de o Mestre não se ter mostrado inclinado a

entrar em tal conferência com Rodam, recebeu-o amavelmente e imediatamente determinou a Natanael e Tomé que escutassem tudo o que ele tinha para dizer e que, por sua vez, tratassem com ele sobre todo o evangelho.

1. A Filosofia Grega de Rodam

160:1.1 (1772.2) No domingo cedo, pela manhã, Rodam deu início a uma série de dez discursos para Natanael, Tomé e um grupo de uns vinte e quatro crentes que se encontravam em Magadam. Essas palestras, condensadas, combinadas e relatadas na construção moderna de frases, apresentam os seguintes pensamentos à consideração:

160:1.2 (1772.3) Na vida humana, três grandes impulsos são básicos: os ímpetos, os desejos e os anseios. Um caráter firme e uma personalidade de comando são adquiridos apenas convertendo os ímpetos naturais da vida em arte social de viver, pela transformação dos desejos, do instante presente, em anseios mais elevados, que sejam capazes de um alcance duradouro; enquanto o anseio lugar-comum da existência deve ser transferido das idéias convencionais e estabelecidas, para domínios mais elevados de idéias inexploradas e ideais por serem descobertos.

160:1.3 (1772.4) Quanto mais complexa a civilização se torna, mais difícil ficará a arte de viver. Quanto mais rápidas as mudanças nos hábitos sociais, mais complicada ficará a tarefa do desenvolvimento do

caráter. A cada dez gerações a humanidade deve aprender de novo a arte de viver, se é que o progresso deva continuar. E se o homem torna-se assim tão engenhoso, mais rapidamente ele aumenta as complexidades da sociedade; e a arte de viver necessitará ser reformada em menos tempo, talvez mesmo, a cada nova geração. Se a evolução da arte de viver fracassar em manter-se à altura da técnica da existência, a humanidade reverter-se-á rapidamente à condição simples da urgência na sobrevivência — a busca da satisfação dos desejos presentes. E assim a humanidade permanecerá imatura; e a sociedade fracassará no seu crescimento até a maturidade plena.

160:1.4 (1773.1) A maturidade social é equivalente ao grau pelo qual o homem está disposto a sacrificar a gratificação de desejos meramente transitórios e presentes, e passar a entreter aqueles anseios superiores, cuja obtenção requer esforço, mas que, se atingidos, proporcionam satisfações mais abundantes, e de avanço mais progressivo, na direção de metas permanentes. A verdadeira indicação de maturidade social, entretanto, é a vontade que um povo tem de renunciar ao direito de viver, pacífica e satisfatoriamente sob padrões que promovem a comodidade e sob crenças estabelecidas e idéias convencionais, em troca do anseio, inquietante sim e absorvedor de energia também, da busca de possibilidades inexploradas, para atingir metas novas, por descobrir, de realidades espirituais idealistas.

160:1.5 (1773.2) Os animais respondem nobremente ao impulso da vida, mas apenas o homem pode alcançar a arte de viver, se bem que a maioria da humanidade apenas experimente o ímpeto animal da

vida. Os animais conhecem apenas essa urgência cega e instintiva; o homem é capaz de transcender a esses ímpetos da função natural. O homem pode optar por uma vida, no plano elevado da arte inteligente e, até mesmo, no plano da alegria celestial ou do êxtase espiritual. Os animais nada se perguntam sobre os propósitos da vida; e, conseqüentemente, nunca se preocupam, nem cometem suicídio. O suicídio entre os homens atesta que esses seres emergiram do estágio puramente animal de existência e subseqüentemente atesta o fato de que os esforços exploratórios de tais seres humanos falharam em atingir os níveis artísticos da experiência mortal. Os animais não conhecem o sentido da vida; o homem não somente possui a capacidade de reconhecer os valores e a compreensão dos significados, mas também é cômico do significado dos significados — é consciente de um discernimento interior.

160:1.6 (1773.3) Quando os homens ousam abandonar uma vida de desejos naturais, por uma vida de aventuras na arte, cuja lógica é incerta, eles devem esperar sofrer os acasos conseqüentes das perdas emocionais — conflitos, infelicidade e incertezas — , pelo menos até que chegue o tempo de atingir, em algum grau, a maturidade intelectual e emocional. O desencorajamento, a preocupação e a indolência são evidências claras de imaturidade moral. A sociedade humana confronta-se com dois problemas: a maturidade do indivíduo, por ser atingida; e a maturidade da raça, também por ser atingida. O ser humano amadurecido logo começa a encarar todos os outros mortais com sentimentos de ternura e com emoções de

tolerância. Os homens amadurecidos encaram os imaturos com o amor e a consideração com que os pais criam os filhos.

160:1.7 (1773.4) Viver com êxito é, nada mais, nada menos, do que a arte na mestria e no domínio das técnicas confiáveis para resolver problemas comuns. O primeiro passo na solução de qualquer problema é localizar a dificuldade, é isolar o problema e reconhecer francamente a sua natureza e gravidade. O grande erro é que, quando os problemas da vida despertam os nossos medos profundos, nós nos recusamos a reconhecê-los. Da mesma forma, quando o reconhecimento das nossas dificuldades envolve uma redução na nossa vaidade, já tão longamente acalentada, e, uma admissão da inveja ou o abandono de preconceitos já profundamente arraigados, o indivíduo comum prefere apegar-se às velhas ilusões de imunidade e aos falsos sentimentos de segurança, também acalentados há muito. Apenas uma pessoa valente pode estar honestamente disposta a admitir e encarar, destemidamente, o que a sua mente sincera e lógica descobre.

160:1.8 (1773.5) A solução sábia e efetiva de qualquer problema demanda que a mente seja isenta de sectarismos, paixões e todos os outros condicionamentos puramente pessoais, que poderiam interferir em uma busca desinteressada dos fatores reais que formam o problema a ser solucionado. A solução dos problemas da vida requer coragem e sinceridade. Apenas os indivíduos honestos e valentes são capazes de seguir bravamente, através do labirinto perturbador e confuso da vida, indo até onde a lógica de uma mente destemida pode levar. E essa emancipação da mente e da alma não pode efetivar-se sem o

poder impulsionador de um entusiasmo inteligente, que beira o zelo religioso. A atração de um grande ideal é necessária para impulsionar o homem a perseguir uma meta que seja cercada de problemas materiais difíceis e cheia de riscos intelectuais múltiplos.

160:1.9 (1774.1) Ainda que vós estejais efetivamente equipados para encarar as situações difíceis da vida, não podereis esperar ter êxito, a menos que estejais providos daquela sabedoria da mente e encanto da personalidade, que vos propiciarão obter a cooperação e o apoio sincero dos vossos semelhantes. Vós não podeis esperar obter um sucesso em larga escala, seja no vosso trabalho secular, seja no religioso, a menos que tenhais aprendido como persuadir os vossos semelhantes, como convencer os homens. Deveis ter tato e tolerância, simplesmente.

160:1.10 (1774.2) O melhor entre todos os métodos maiores, na solução dos problemas, contudo, eu aprendi com Jesus, o vosso Mestre. Estou referindo-me àquilo que ele tão coerentemente pratica e que, com tanta fé, ensinou a vós: o isolamento da meditação adoradora. Nesse costume, que Jesus tem de sair tão freqüentemente e se isolar, para comungar com o Pai do céu, é que deve ser encontrada a técnica, não apenas para reunir as forças e a sabedoria a fim de lidar com os conflitos ordinários da vida, mas também para apossar-se da energia necessária à solução dos mais altos problemas de natureza moral e espiritual. Pois, nem mesmo os métodos corretos de solução dos problemas poderão reparar os defeitos inerentes da personalidade, nem compensar a ausência de fome e sede de retidão verdadeira.

160:1.11 (1774.3) Considero-me profundamente impressionado com o costume que Jesus tem de apartar-se e de, sozinho, engajar-se nessas sessões de sondagens solitárias dos problemas da vida; na busca de reservas novas de sabedoria e energia, para enfrentar as múltiplas demandas do serviço social; de estimular e aprofundar o propósito supremo da vida, ao sujeitar a personalidade total à consciência do contato com a divindade; de lutar por alcançar métodos novos e melhores de ajustamento às situações sempre mutantes da existência nesta vida; de efetuar aquelas reconstruções vitais e os reajustes nas atitudes pessoais, que são tão essenciais ao discernimento elevado, de tudo o que é real e que vale a pena; e de fazer tudo isso com olhos apenas na glória de Deus — e respirar com sinceridade na oração favorita do vosso Mestre: “Não o meu desejo, mas o Vosso seja cumprido”.

160:1.12 (1774.4) Essa prática integral na adoração, feita pelo vosso Mestre, proporciona aquele relaxamento que renova a mente, aquela iluminação que inspira a alma, aquela coragem que capacita para enfrentar valentemente os problemas, aquela compreensão que oblitera o medo debilitador e aquela consciência de união com a divindade que dota o homem com a segurança necessária para atrever-se a ser como Deus. O relaxamento gerado na adoração, ou comunhão espiritual, como praticada pelo Mestre, alivia a tensão, elimina os conflitos e aumenta poderosamente os recursos totais da personalidade. E toda essa filosofia mais o evangelho do Reino constituem a nova religião como eu a entendo.

160:1.13 (1774.5) O preconceito cega a alma para o reconhecimento da verdade; o preconceito pode ser removido somente pela devoção sincera da alma à adoração de uma causa que abranja e inclua plenamente todos os nossos semelhantes. O preconceito está indelevelmente vinculado ao egoísmo. O preconceito pode ser eliminado somente se a busca do ego for abandonada e substituída pela busca da satisfação pelo serviço de uma causa que seja, não apenas maior do que o ego, mas maior até do que toda a humanidade — a busca de Deus, o alcance da divindade. Uma evidência da maturidade da personalidade consiste na transformação do desejo humano, pela procura constante da realização desses valores, os mais elevados e os mais divinamente reais.

160:1.14 (1774.6) Num mundo em mudança contínua, em meio a uma ordem social em evolução, torna-se impossível manter metas imutáveis e rígidas de destino. A estabilidade da personalidade somente pode ser experimentada por aqueles que descobriram e abraçaram o Deus vivo, como meta eterna de alcance infinito. E, assim, transferir a meta do tempo para a eternidade, da Terra para o Paraíso, do humano para o divino, requer que o homem se torne regenerado, convertido, que nasça de novo; e que ele se transforme na criança recriada do espírito divino, conquistando assim a entrada na irmandade do Reino do céu. Todas as filosofias e religiões que não chegam a esses ideais são imaturas. A filosofia que eu ensino, ligada ao evangelho que pregais, representa a nova religião da maturidade, o ideal das gerações futuras. E isso é verdade porque o nosso ideal é definitivo, infalível, eterno, universal, absoluto e infinito.

160:1.15 (1775.1) A minha filosofia proporciona a mim o impulso de buscar as realidades de alcance verdadeiro, a meta da maturidade. Todavia esse meu ímpeto foi impotente; à minha procura faltava a força impulsionadora; a minha indagação sofria da ausência da certeza de direcionamento. E essas deficiências foram abundantemente supridas por este novo evangelho de Jesus, com o seu enaltecimento do discernimento interior, da elevação de ideais e nitidez de metas. Sem dúvidas e sem apreensões, eu posso agora, de coração pleno, entrar na aventura eterna.

2. A Arte de Viver

160:2.1 (1775.2) Apenas duas maneiras há, por meio das quais os mortais podem viver juntos: a maneira material ou animal e a maneira espiritual ou humana. Pelo uso de sinais e sons, os animais são capazes de comunicarem-se uns com os outros, de um modo limitado. Mas tais formas de comunicação não transmitem significados, valores ou idéias. Uma distinção entre homem e animal é que o homem pode comunicar-se com os seus semelhantes, por meio de *símbolos* que designam e identificam, com toda a certeza, significados, valores, idéias e mesmo ideais.

160:2.2 (1775.3) Posto que os animais não podem comunicar idéias, uns aos outros, eles não podem desenvolver uma personalidade. O homem desenvolve personalidade, porque ele pode comunicar-se

dessa maneira com os seus semelhantes, tanto sobre idéias, quanto sobre ideais.

160:2.3 (1775.4) É essa habilidade de comunicar e compartilhar significados que constitui a cultura humana e que capacita o homem, por meio de agrupamentos sociais, a construir civilizações. O conhecimento e a sabedoria tornam-se cumulativos, por causa da habilidade que o homem tem de comunicar essas conquistas às gerações vindouras. E dessa maneira surgem as atividades culturais da raça: a arte, a ciência, a religião e a filosofia.

160:2.4 (1775.5) A comunicação simbólica entre os seres humanos predetermina o início da existência de grupos sociais. O mais eficiente de todos os grupos sociais é a família, mais particularmente o grupo dos *dois progenitores*. O afeto pessoal é o laço espiritual que mantém essas ligações materiais unidas. Uma tal relação eficaz é também possível entre duas pessoas do mesmo sexo, como é ilustrado tão abundantemente pela devoção nas amizades genuínas.

160:2.5 (1775.6) Tais associações de amizade e afeto mútuo são socializantes e enobrecedoras, porque encorajam e facilitam os seguintes fatores, essenciais ao mais alto nível da arte de viver:

160:2.6 (1775.7) 1. *A auto-expressão e a auto-compreensão mútuas.*

Muitos impulsos humanos nobres desaparecem porque não há ninguém que escute a sua expressão. Verdadeiramente, não é bom para o homem ficar só. Um certo grau de aprovação e uma certa quantidade de apreço são essenciais ao desenvolvimento do caráter humano. Sem o genuíno amor de um lar, nenhuma criança pode

realizar o desenvolvimento pleno de um caráter normal. O caráter é algo mais do que a mera moral da mente e mais do que a moralidade. De todas as relações sociais entabuladas para desenvolver o caráter, a mais eficaz e ideal é a amizade afetuosa e compreensiva entre homem e mulher, no abraço mútuo de um matrimônio inteligente. O matrimônio, com as suas relações múltiplas, é mais bem indicado para estimular os impulsos preciosos e os motivos mais elevados, indispensáveis ao desenvolvimento de um caráter firme. Desse modo, não hesito em glorificar a vida familiar; e o vosso Mestre elegeu sabiamente a relação pai-filho como a pedra angular desse novo evangelho do Reino. E uma comunhão tão inigualável de relacionamento, entre homem e mulher, no abraço afetuoso dos mais altos ideais do tempo, torna-se uma experiência tão valiosa e satisfatória a ponto de valer a pena tê-la a qualquer preço, sob pena de qualquer sacrifício, necessário para consegui-la.

160:2.7 (1776.1) 2. *A união de alma — a mobilização da sabedoria.* Todo ser humano, mais cedo ou mais tarde, adquire um certo conceito deste mundo e uma certa visão do próximo. Pois bem, é possível, por meio da conjunção de personalidades, unir essas visões da existência temporal e das perspectivas eternas. Assim, a mente de um aumenta os seus valores espirituais ao ganhar muito do discernimento interior do outro. Dessa forma os homens enriquecem as suas almas, fazendo entre si a união das suas respectivas conquistas espirituais. Do mesmo modo, o homem torna-se capacitado para evitar aquela tendência sempre presente de ser vítima de uma distorção na sua

visão, de ter um ponto de vista preconcebido ou estreiteza de julgamento. O medo, a inveja e a imodéstia somente podem ser evitados pelo estreito contato com outras mentes. Chamo a vossa atenção para o fato de que o Mestre nunca vos envia sozinhos para o trabalho de expansão do Reino; ele sempre envia dois a dois. E posto que a sabedoria é supraconhecimento, a conseqüência é que, com a união de sabedorias, em um grupo social pequeno ou grande, todo o conhecimento é compartilhado mutuamente.

160:2.8 (1776.2) 3. *O entusiasmo pela vida.* O isolamento tende a exaurir a carga de energia da alma. A associação com os semelhantes é essencial para a renovação do gosto pela vida e é indispensável à manutenção da coragem para lutar nas batalhas conseqüentes da ascensão aos níveis mais elevados da vida humana. A amizade intensifica as alegrias e glorifica os triunfos na vida. As ligações humanas de amor e intimidade tendem a aliviar o sofrimento das penas da vida e a dificuldade de muitas amarguras. A presença de um amigo acentua toda a beleza e exalta toda a bondade. Por meio de símbolos inteligentes, o homem torna-se capaz de vivificar e aumentar as capacidades de apreciação dos seus amigos. Uma das glórias que coroam as amizades humanas é esse poder e possibilidade de estímulo mútuo da imaginação. Um grande poder espiritual é inerente à consciência da devoção, de todo o coração, a uma causa comum, à lealdade mútua a uma Deidade cósmica.

4. *O aumento da defesa contra todo o mal.* A associação de personalidades e o afeto mútuo são uma segurança eficiente contra o mal. As dificuldades, penas, derrotas e desapontamentos são mais dolorosos e desalentadores quando suportadas a sós. O companheirismo não transmuta o mal em retidão, mas contribui muito para a mitigação do golpe. Disse o vosso Mestre: “Felizes são aqueles que choram” — tendo junto um amigo para consolá-los. Há uma força positiva no conhecimento de que vivemos para o bem de outros e que esses outros da mesma forma vivem pelo nosso bem-estar e avanço. O homem definha em isolamento. Os seres humanos infalivelmente se tornam desalentados quando podem visualizar apenas as transações transitórias no tempo. O presente, quando divorciado do passado e do futuro, torna-se exasperadamente trivial. Um vislumbre apenas, do círculo da eternidade, pode inspirar o homem a dar o melhor de si; e pode desafiar esse melhor de si a se ultrapassar. E, quando o homem, assim, está no melhor de si, ele vive de forma menos egocêntrica e pelo bem dos outros, seus companheiros de jornada no tempo e na eternidade.

E repito: Uma associação tão inspiradora e enobrecedora encontra as suas possibilidades ideais na relação humana do matrimônio. É bem verdade que muito se realiza fora do matrimônio; e que muitos e muitos casamentos posteriormente fracassam em produzir esses frutos morais e espirituais. Em um número grande de vezes o matrimônio é adotado por aqueles que procuram outros valores, que são menos elevados que aquelas características que acompanham a maturidade humana. O

matrimônio ideal deve fundamentar-se em algo mais estável do que as flutuações do sentimento e do que o mero capricho da atração sexual; deve ser baseado em devoção pessoal genuína e recíproca. E assim, se vós podeis construir essas pequenas unidades eficientes e plenas de confiabilidade de ligação humana, quando estas forem agrupadas no todo, o mundo irá contemplar uma estrutura social grande e glorificada, a civilização da maturidade mortal. Tal raça poderia começar a realizar algo do ideal do vosso Mestre, de “Paz na Terra aos homens de boa vontade”. Ainda que tal sociedade não seja perfeita, nem inteiramente livre do mal, ao menos aproximar-se-ia da estabilização da maturidade.

3. Os Anseios da Maturidade

160:3.1 (1777.2) O esforço na direção da maturidade exige trabalho; e trabalho requer energia. De onde viria o poder para realizar tudo isso? As coisas materiais poderiam ser visualizadas como algo garantido e, sobre isso o Mestre disse bem: “Nem só de pão vive o homem”. Garantida a posse de um corpo normal e com saúde razoavelmente boa, devemos em seguida procurar pelas atrações que atuarão como estímulo para despertar as forças espirituais adormecidas do homem. Jesus ensinou que Deus vive no homem; então, como podemos induzir os homens a liberar esses poderes, de divindade e de infinitude, de dentro das suas almas? Como induzirmos os homens a liberar o Deus de dentro de si, para que

possa Ele refrescar as nossas próprias almas; e para que, manifestando-se fora de nós, possa Ele, assim, servir ao propósito de iluminar, elevar e abençoar outras incontáveis almas? Como posso eu, da melhor maneira, despertar tais poderes latentes, adormecidos nas vossas almas, para o bem? De uma coisa estou seguro: a excitação emocional não é o estímulo espiritual ideal. A excitação não aumenta a energia; antes exaure os poderes, tanto da mente, quanto do corpo. De onde vem então a energia para fazer as grandes coisas? Vede o vosso Mestre. Ainda agora, está longe nas montanhas, enchendo — se de energias, enquanto nós estamos aqui, gastando energia. O segredo de toda essa questão está guardado na comunhão espiritual, na adoração. Do ponto de vista humano, é uma questão de combinação entre meditação e relaxamento. A meditação faz o contato da mente com o espírito; o relaxamento determina a capacidade de receptividade espiritual. E esse intercâmbio, de força por fraqueza, de coragem por medo, da vontade de Deus pela vontade da mente do ego, constitui em si a adoração. Pelo menos, esse é o modo pelo qual o filósofo a vê.

160:3.2 (1777.3) Quando freqüentemente repetidas essas experiências cristalizam-se em hábitos, hábitos de fortalecimento na adoração; tais hábitos formulam certamente, por si mesmos, um caráter espiritual e tal caráter é finalmente reconhecido pelos semelhantes, como o de uma *personalidade amadurecida*. Essas práticas são difíceis e consomem tempo, no início, mas, quando se tornam habituais, passam a ser, de imediato, restauradoras e permitem poupar tempo. Quanto mais complexa a sociedade torna-se e quanto

mais as atrações da civilização multiplicam-se, mais urgente torna-se a necessidade, nos indivíduos que conhecem a Deus, de transformar essas práticas protetoras, cada vez mais, em hábitos destinados a conservar e aumentar as suas energias espirituais.

160:3.3 (1778.1) Outro quesito para atingir a maturidade é o ajustamento cooperativo, dos grupos sociais, ao ambiente em contínua mutação. O indivíduo imaturo desperta antagonismos nos seus semelhantes; o homem amadurecido ganha a cooperação, de coração aberto, dos seus amigos, multiplicando em muito, desse modo, os frutos dos esforços na sua vida.

160:3.4 (1778.2) A minha filosofia me diz que há momentos em que devo lutar, se necessário for, em defesa do meu conceito de retidão, mas não duvido que, com um tipo mais maduro de personalidade, o Mestre ganhasse com facilidade e graça uma vitória igual, por meio da sua técnica superior e cativante, de tato e tolerância. Muito freqüentemente, quando lutamos pelo certo, acontece que ambos, o vitorioso e o vencido são derrotados. Ouvi, ontem mesmo, o Mestre dizer que “o homem sábio, ao tentar entrar por uma porta fechada, não destruiria a porta, mas buscaria antes a chave para abri-la”. Não são poucas as vezes em que entramos em uma luta simplesmente para convencer a nós mesmos de que não temos medo.

160:3.5 (1778.3) Esse novo evangelho do Reino presta um grande serviço à arte da vida, no sentido de apresentar um incentivo novo e mais rico, para uma vida mais elevada. Apresenta uma nova meta elevada de destino, com um propósito supremo de vida. E esses novos conceitos da meta eterna e divina para a existência são, em si

mesmos, estímulos transcendentais, que clamam por uma reação do que há de melhor dentro da melhor natureza do homem. No ponto mais elevado do pensamento intelectual devem ser encontrados: o relaxamento para a mente, a força para a alma e a comunhão para o espírito. Com tantos pontos de vantagem na vida elevada, o homem torna-se capaz de transcender as irritações materiais dos níveis mais baixos de pensamento — preocupação, ciúme, inveja, vingança e o orgulho da personalidade imatura. Essas almas, que farão altas escaladas, libertam-se a si mesmas dos inúmeros conflitos triviais e comuns da vida, tornando-se assim livres para dedicar as suas consciências às correntes mais elevadas de conceitos espirituais e de comunicação celeste. Contudo, o propósito da vida deve ser guardado zelosamente contra a tentação de realizações passageiras e fáceis de alcançar; da mesma forma deve ser levado avante esse propósito, mas de modo a tornar o homem imune às ameaças desastrosas do fanatismo.

4. O Equilíbrio da Maturidade

160:4.1 (1778.4) Conquanto mantendes uma vista voltada mais para alcançar realidades eternas, deveis também fazer a provisão para as necessidades da vida temporal. Enquanto o espírito é a nossa meta, a carne é um fato. Uma vez ou outra, as coisas que são necessárias para viver, podem cair nas nossas mãos por acaso; porém, de forma geral, devemos trabalhar inteligentemente para obtê-las. Os dois maiores

problemas da vida são: cuidar da sobrevivência temporal e realizar a sobrevivência eterna. E, mesmo a questão da sobrevivência necessita da religião para a sua solução ideal. E tais são, ambos, problemas altamente pessoais. A verdadeira religião, de fato, não funciona separadamente do indivíduo.

160:4.2 (1778.5) Os fatores essenciais da vida temporal, como os vejo, são:

- 160:4.3 (1778.6) 1. A boa saúde física.
- 160:4.4 (1778.7) 2. O pensar claro e desimpedido.
- 160:4.5 (1778.8) 3. A habilidade e a perícia.
- 160:4.6 (1778.9) 4. A riqueza — os bens da vida.
- 160:4.7 (1778.10) 5. A capacidade de suportar a derrota.
- 160:4.8 (1778.11) 6. A cultura — educação e sabedoria.

160:4.9 (1779.1) Até mesmo as questões físicas, de saúde e capacidade corpórea, são mais bem resolvidas quando vistas do ponto de vista religioso dos ensinamentos do nosso Mestre: pois o corpo e a mente do homem são a morada do dom dos Deuses, o espírito de Deus tornando-se o espírito do homem. A mente do homem, assim, torna-se a mediadora entre as coisas materiais e as realidades espirituais.

160:4.10 (1779.2) Assegurar a nossa parte de coisas desejáveis na vida, requer inteligência. É inteiramente errôneo supor que a fidelidade de fazer o nosso trabalho diário vai assegurar as recompensas da riqueza. Exceção feita à aquisição ocasional e acidental de riqueza; as

recompensas materiais da vida temporal devem fluir de certos canais, e somente aqueles que têm acesso a esses canais podem esperar ser bem recompensados pelos seus esforços temporais. A pobreza será sempre o quinhão de todos os homens que procuram a riqueza em canais isolados e individuais. O planejamento sábio, por conseguinte, torna-se o único elemento essencial à prosperidade no mundo. O êxito requer não apenas a nossa devoção ao próprio trabalho, mas também que funcionemos como uma parte de um dos canais da riqueza material. Se não fordes prudentes, podereis entregar uma vida devotada à vossa geração, sem obter recompensa material; se fordes um beneficiário accidental do fluir da riqueza, podereis nadar no luxo, ainda que não tenhais feito nada que valha a pena para os vossos semelhantes.

160:4.11 (1779.3) Habilidade é o que herdais, enquanto perícia é o que adquiris. A vida não é real para alguém que não pode fazer bem — como um especialista — ao menos uma coisa. A perícia é uma das fontes reais de satisfação do viver. A habilidade implica o dom de prever, de ver longe. Não vos deixeis decepcionar pela recompensa tentadora da realização desonesta; estejais dispostos a trabalhar arduamente pelo retorno futuro inerente à conduta honesta. O homem sábio é capaz de distinguir entre meios e fins; porém, algumas vezes, o próprio excesso de planejamento para o futuro derrota-se no seu alto propósito. Como um buscador de prazeres, deveríeis sempre visar ser tanto um criador quanto um consumidor.

160:4.12 (1779.4) Treinai a vossa memória para manter em lugar sagrado os episódios fortalecedores e valiosos da vida, dos quais vós podeis

vos lembrar à vontade para o vosso prazer e edificação. Assim, construais para vós próprios, e em vós próprios, galerias de reserva de beleza, bondade e grandeza artística. E as memórias mais nobres de todas são os tesouros guardados na memória tais como os grandes momentos de uma amizade magnífica. E todos esses tesouros da memória irradiam as suas mais preciosas e elevadas influências sob o toque liberador da adoração espiritual.

160:4.13 (1779.5) A vida, contudo, transformar-se-á em uma carga existencial, a menos que aprendais como fracassar airoso. Existe na derrota uma arte que as almas nobres sempre adquirem; deveis saber como perder sem perder a alegria; não deveis ter temor ao desapontamento. Nunca hesiteis em admitir o fracasso. Não tenteis disfarçar o fracasso por baixo de sorrisos justificativos ou, mesmo, de decepção ou de otimismo irradiantes. Soa bem clamarmos pelo sucesso, sempre; mas os resultados finais podem ser consternadores. Tal técnica leva diretamente à criação de um mundo de irreabilidade e ao choque inevitável da desilusão final.

160:4.14 (1779.6) O êxito pode gerar coragem e proporcionar autoconfiança, mas a sabedoria advém somente das experiências de ajustamento aos resultados dos fracassos. Os homens que preferem as ilusões otimistas à realidade nunca se tornam sábios. Somente aqueles que enfrentam de frente os fatos, ajustando-os aos ideais, podem alcançar a sabedoria. A sabedoria inclui tanto os fatos, quanto o ideal e, por conseguinte, salva os seus devotos dos dois extremos estéreis da filosofia — o do homem cujo idealismo exclui os fatos; e o do materialista que é desprovido de abertura espiritual. As almas

tímidas, que só mantêm a luta pela vida com a ajuda de falsas ilusões continuadas de sucesso, estão fadadas a sofrer fracassos e a experimentar a derrota quando, finalmente, acordarem do mundo de sonhos da sua própria imaginação.

160:4.15 (1780.1) E, nesse afã de encarar os insucessos, e de ajustamento à derrota, é que a visualização de longa distância, na religião, exerce a sua suprema influência. O malogro é simplesmente um episódio educacional — um experimento cultural na aquisição da sabedoria —, na experiência do homem que busca a Deus e que embarcou na aventura eterna da exploração de um universo. Para tais homens a derrota não é senão um novo instrumento para a realização de níveis mais elevados de realidade no universo.

160:4.16 (1780.2) A carreira de um homem que busca a Deus pode ser um grande êxito à luz da eternidade, ainda que toda a empresa da vida temporal possa parecer um completo malogro, cada fracasso na vida deve ser colhido como um complemento para se alcançar a cultura da sabedoria e do espírito. Não cometais o erro de confundir conhecimento, cultura e sabedoria. Eles estão relacionados entre si na vida, mas representam valores espirituais bastante diferentes: a sabedoria sempre domina o conhecimento e sempre glorifica a cultura.

5. A Religião do Ideal

160:5.1 (1780.3) Tendes dito a mim que o vosso Mestre considera a genuína religião humana como sendo a experiência pessoal com as realidades espirituais. Eu tenho considerado a religião como a experiência humana de reagir a algo que o homem encara como sendo digno de homenagem e devoção de toda a humanidade. Nesse sentido, a religião simboliza a nossa suprema devoção àquilo que representa o nosso conceito mais elevado dos ideais de realidade e de alcance mais profundo da nossa mente, na direção das possibilidades eternas de realização espiritual.

160:5.2 (1780.4) Quando os homens reagem à religião no sentido tribal, nacional ou racial, é porque encaram os que não estão no seu grupo como sendo não verdadeiramente humanos. Nós sempre encaramos o objeto da nossa lealdade religiosa como sendo digno da reverência de todos os homens. A religião jamais poderá ser uma questão de mera crença intelectual ou de raciocínio filosófico; a religião é sempre, e para sempre, um modo de reagir às situações da vida; é uma espécie de modo de conduta. A religião abrange o pensamento, os sentimentos e os atos, reverentemente, na direção de alguma realidade que julgamos ser digna da adoração universal.

160:5.3 (1780.5) Se alguma coisa na vossa experiência transformou-se em religião, é evidente que já vos convertestes em um evangelho ativo dessa religião, desde que vós categorizais o supremo conceito dessa religião como sendo digno da adoração de toda a humanidade, de todas as inteligências do universo. Se não sois um evangelho positivo e missionário da vossa religião, estareis iludindo-vos com aquilo que chamais de religião; e que é, pois, apenas uma crença tradicional ou

um mero sistema de filosofia intelectual. Se a vossa religião é uma experiência espiritual, o vosso objeto de adoração deve ser a realidade do espírito universal e ideal de todos os vossos conceitos espiritualizados. Todas as religiões baseadas no medo, na emoção, na tradição ou na filosofia, eu as categorizo como religiões intelectuais; enquanto aquelas que são baseadas em verdadeiras experiências espirituais, eu as denominaria religiões verdadeiras. O objeto da devoção religiosa pode ser material ou espiritual, verdadeiro ou falso, real ou irreal, humano ou divino. As religiões podem, por conseguinte, ser tanto boas como más.

160:5.4 (1780.6) Moralidade e religião não são necessariamente a mesma coisa. Um sistema de moral, caso adote um objetivo de adoração, pode transformar-se em uma religião. Uma religião, ao perder o seu apelo universal de lealdade e suprema devoção, pode transformar-se em um sistema filosófico ou em um código moral. Essa coisa, ser, estado ou ordem de existência, ou possibilidade de obtenção — que constitui o ideal supremo, digno da lealdade religiosa, e que é o receptáculo da devoção religiosa daqueles que adoram, é Deus. Independentemente do nome dado a esse ideal de realidade espiritual, ele é Deus.

160:5.5 (1781.1) As características sociais de uma verdadeira religião consistem no fato de que, invariavelmente, ela procura converter o indivíduo e transformar o mundo. A religião implica a existência de ideais não descobertos que, de longe, transcendem aos padrões conhecidos da ética e da moralidade, ainda que incorporados aos mais altos costumes sociais das instituições mais amadurecidas da

civilização. A religião procura ideais não descobertos, realidades inexploradas, valores supra-humanos, sabedoria divina e verdadeira realização espiritual. A verdadeira religião faz tudo isso; todas as outras crenças deixam de ser dignas do nome. Não podeis ter uma religião espiritual genuína, sem o ideal supremo e superno de um Deus eterno. Uma religião sem esse Deus é uma invenção do homem, uma instituição humana de crenças intelectuais, sem vida, e de cerimoniais emocionais sem significação. Uma religião poderia aclamar, como objeto da sua devoção, um grande ideal. Tais ideais irrealis, contudo, não são alcançáveis; tal conceito é ilusório. Os únicos ideais susceptíveis de serem realizados pelo homem são as realidades divinas de valores infinitos, que residem na realidade espiritual do Deus eterno.

160:5.6 (1781.2) A palavra Deus, a *idéia* de Deus, em contraste com o *ideal* de Deus, pode tornar-se parte de qualquer religião, não importa quão pueril ou falsa essa religião possa ser. E essa *idéia* de Deus pode tornar-se qualquer coisa que aqueles que a mantêm escolham fazer dela. As religiões menos elevadas modelam as suas *idéias* de Deus de modo a satisfazer o estado natural do coração do homem; as mais elevadas religiões requerem que o coração humano seja modificado para satisfazer as demandas dos ideais de uma verdadeira religião.

160:5.7 (1781.3) A religião de Jesus transcende a todos os nossos conceitos anteriores da *idéia* de adoração, não apenas na forma como ele retrata o seu Pai, como o ideal da realidade infinita, mas também, quando declara, de forma afirmativa, que essa fonte divina de valores

e centro eterno do universo, é verdadeira e pessoalmente alcançável por toda criatura mortal, na Terra, que escolha entrar no Reino do céu, reconhecendo assim a aceitação da sua filiação a Deus e a sua irmandade com o homem. Admito, esse é o conceito mais elevado, de religião, que o mundo jamais conheceu, e afirmo que nunca poderá existir, um sequer, mais elevado, já que esse evangelho abrange a infinitude das realidades, a divindade de valores e a eternidade das realizações universais. Tal conceito constitui a realização da experiência do idealismo do Supremo e do Último.

160:5.8 (1781.4) Estou, não apenas intrigado pelos ideais consumados dessa religião do vosso Mestre, mas, fortemente inclinado a professar a minha crença nessa anunciação que ele faz, de que esses ideais das realidades do espírito sejam alcançáveis; de que vós podeis entrar, tanto quanto eu, nessa longa e eterna aventura, com a garantia dele, na certeza da nossa chegada final aos portais do Paraíso. Meus irmãos, eu sou um crente, eu me entreguei; estou convosco no caminho dessa aventura eterna. O Mestre diz que veio do Pai e que vai mostrar-nos o caminho. Estou plenamente persuadido de que ele diz a verdade. Estou finalmente convencido de que não há ideais atingíveis de realidade, nem valores de perfeição, fora do Pai Universal e eterno.

160:5.9 (1781.5) Venho, então, adorar, não meramente o Deus das existências, mas o Deus da possibilidade de todas as existências futuras. Portanto, a devoção a um ideal supremo, se esse ideal for real, deve ser a devoção a esse Deus dos universos passados, presentes e futuros de coisas e seres. E não há outro Deus, pois não é

possível existir nenhum outro Deus. Todos os outros deuses são meras ficções da imaginação, ilusões da mente mortal, distorções de uma lógica falsa, ídolos ilusórios a decepcionar àqueles que os criaram. Sim, vós podeis ter uma religião sem esse Deus, mas isso não vai significar nada. E, se procurais substituir a palavra Deus pela realidade desse ideal do Deus vivo, tereis apenas enganado a vós mesmos ao colocar uma idéia no lugar de um ideal, uma realidade divina. Tais crenças são meramente religiões de aspirações fantasiosas.

160:5.10 (1782.1) Vejo nos ensinamentos de Jesus a religião na sua melhor expressão. Esse evangelho nos permite buscar o verdadeiro Deus e encontrá-Lo. Porém, estamos dispostos a pagar o preço dessa entrada no Reino do céu? Estamos querendo realmente nascer outra vez? E nos refazer? Estaremos dispostos a nos sujeitar a esse terrível processo de provação e destruição do ego e de reconstrução da alma? O Mestre, pois, não disse: “Quem quiser salvar a sua vida deve perdê-la. Acaso não vedes que não vim para vos trazer a paz, que vim mais vos trazer uma batalha da alma?” Em verdade, após pagarmos o preço da dedicação à vontade do Pai, experimentamos uma grande paz, desde que continuemos a seguir nesse caminho espiritual de consagrar a vida.

160:5.11 (1782.2) Ora, verdadeiramente abandonamos as atrações da ordem conhecida de existência, ao dedicarmo-nos sem reservas à busca das atrações da ordem desconhecida e inexplorada, da existência de uma vida futura de aventura nos mundos do espírito, do mais elevado idealismo da realidade divina. E buscamos aqueles

símbolos plenos de significado, por meio dos quais podemos transmitir aos nossos semelhantes esses conceitos da realidade, do idealismo da religião de Jesus e não iremos cessar de orar pelo dia em que toda a humanidade comoverse-á com a visão comungada dessa verdade suprema. Agora mesmo, o nosso conceito focalizado do Pai, tal como o mantemos no fundo do coração, é o de que Deus é espírito; e, tal como o transmitimos aos nossos semelhantes, de que Deus é amor.

160:5.12 (1782.3) A religião de Jesus exige uma experiência viva e espiritual. Outras religiões podem consistir nas crenças tradicionais; nos envoltórios emocionais; na consciência filosófica e em tudo o mais, mas o ensinamento do Mestre requer o alcance de níveis de progresso espiritual real.

160:5.13 (1782.4) A consciência do impulso de ser perfeito como Deus não é a verdadeira religião. Os sentimentos e a emoção da adoração de Deus não são a verdadeira religião. O conhecimento da convicção de esquecimento do eu, e serviço a Deus, não é a verdadeira religião. A sabedoria do pensamento de que uma religião é a melhor de todas não é religião em si, como uma experiência espiritual pessoal. A verdadeira religião, sim, refere-se ao destino e à realidade daquilo que se alcança, assim como também se refere à realidade e ao idealismo daquilo que se aceita por meio da fé, de coração aberto e pleno. E tudo isso deve ser tornado pessoal para nós, pela revelação do Espírito da Verdade.

160:5.14 (1782.5) E assim terminaram as dissertações do filósofo grego, um dos maiores da sua raça, que se tornou um crente na palavra de Jesus.